

# A GRAMÁTICA DA MÍDIA E A NORMA CULTA

Luiz Henrique Barbosa

Mestre em Literatura Brasileira pela UFMG e  
Professor da FCH-FUMEC

---



*Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas. Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu preceptor, esse gosto esquisito. Eu pensava que fosse um sujeito escaleno. Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse. Ele fez um limpamento em meus receios. O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nadas. E se riu. Você não é bugre? – ele continuou. Que sim, eu respondi. Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas. Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os araticuns maduros. Há que apenas saber errar bem o seu idioma. Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de agramática.*

*Manoel de Barros*

Gramática, segundo o dicionário Aurélio, “é o livro onde se expõem as regras da linguagem”<sup>1</sup>. O objetivo deste artigo é, portanto, identificar as regras reguladoras da linguagem na mídia brasileira. Faz-se necessário, entretanto, separar a mídia em televisiva e impressa, uma vez que o texto apresentado por cada uma delas apresenta especificidades.

Um ponto fundamental a considerar quando se fala em mídia televisiva é a diversidade de programas e da audiência. Muitas vezes o nível de linguagem adotado estará diretamente relacionado ao programa a ser exibido e ao público alvo do mesmo. Assim, espera-se que a apresentação verbal de um programa de música clássica, destinado a um público sofisticado, não tenha a mesma liberdade de um programa cômico; onde poderá soar como natural o uso de gírias e expressões regionais. Essa variação de níveis de linguagem apresentada pela televisão irá levar o lingüista Dino Preti à conclusão de que o estilo discursivo da televisão é marcado pelo impasse; ora ele assume uma formalização rígida, seguindo as regras da gramática tradicional, ora se aproxima de uma linguagem coloquial, mais livre:

*O estilo do discurso da televisão, escrito para ser lido, resulta, antes de mais nada, num impasse: ora se revela elaborado, segundo as convenções mais rígidas da gramática, aproximando-se da língua escrita, ora demonstra claramente sua intenção de aproximar-se da língua falada, na sua sintaxe mais livre, na alta incidência de gíria e até de vocábulos chulos.<sup>3</sup>*

Embora o autor admita essa variação lingüística na televisão, ele constata que o texto mais formal utilizado pela televisão nunca será do mesmo tipo que o texto escrito, como o produzido pelos jornais impressos; “há na televisão uma tendência para o coloquial”.<sup>3</sup> Mesmo sendo o texto do jornal televisivo escrito primeiro para posteriormente ser lido, ele nunca terá um nível máximo de formalização, já que a audiência tem uma expectativa diferente da de um leitor. É mais dispersa, menos atenciosa. Ao fazer o estudo dos estilos lingüísticos na televisão e constatar esta tendência para o estilo oral, o autor se indaga se não deveríamos reagir contra essa tendência e substituir este estilo por uma linguagem culta, mais elaborada, para que a televisão deixe de ser primordialmente instrumento de entretenimento e ocupe uma função educativa na sociedade.

O uso da TV como veículo educativo vem sendo umas dos temas mais discutidos nas escolas de comunicação quando se aborda o papel da televisão num país como o nosso, que apresenta níveis altíssimos de analfabetismo e uma penetração enorme da TV. No entanto, as críticas hoje são dirigidas à baixa qualidade de seus programas. Quase nunca é analisado o tipo de linguagem por ela adotada. Parece que acostumamos a vê-la apenas como entretenimento e neste sentido não vemos como problema o fato de ela usar uma linguagem coloquial. Assim, podemos dizer que a TV é um veículo muito mais democrático que a imprensa, já que na primeira se registra uma maior variação lingüística.

Já quando se fala na apresentação verbal da imprensa escrita, toma-se como parâmetro o padrão oficial da língua. Se podemos aceitar variações lingüísticas para a TV, o mesmo não fazemos para os jornais. Hoje, já vêm se tornando comum as análises de gramáticos e jornalistas, defensores da gramática oficial da língua, de que os jornalistas não sabem escrever, de que eles estão degradando e empobrecendo a língua. Quase todas as críticas vêm nos mostrar que os jornalistas ruins vêm se desviando do que é pregado pela gramática tradicional em relação à técnica da oração. Problemas como o uso inadequado de preposições, regências e concordâncias são exaustivamente colocados, mas nunca o da má estruturação do texto. Ora, quem escreve bem escreve bons textos e não boas frases. Um texto pode apresentar frases de perfeita estrutura formal de acordo com a gramática tradicional e não apresentar significação alguma. Portanto, a crítica aos jornalistas acaba por ajudar muito pouco ou quase nada na tarefa de construir bons textos. Além disso, esta postura de alguns gramáticos vem considerar a língua

como algo estático e sagrado, que não deve sofrer mudanças ao longo do tempo.

Muitos dos gramáticos que criticam a escrita dos jornalistas defendem a concepção de gramática como um conjunto de regras que devem ser seguidas por aqueles que querem falar e escrever corretamente. Para esta concepção de língua, foi utilizado como referencial a linguagem dos escritores clássicos, pois o texto literário representava o grau máximo de prestígio de uma língua. Podemos ver então que a língua oficial está intimamente ligada ao falar e escrever da classe de maior prestígio da sociedade. Porém, podemos ter uma concepção diferente de gramática, menos estática. Podemos considerar a gramática como “um conjunto de leis que regem a estruturação real de enunciados realmente produzidos por falantes, regras que são utilizadas”.<sup>4</sup> Para essa concepção, são valorizadas as transformações pelas quais a língua passou devido às mudanças referenciais. Hoje não podemos falar em língua padrão sem levar em conta a linguagem dos meios de comunicação:

*A extraordinária importância que os meios de comunicação têm nas sociedades modernas deslocou o foco de prestígio dos usos da língua. Hoje, não podemos falar em língua padrão sem levar em consideração, de algum modo, os meios de comunicação social (jornais e revistas principalmente), meios esses que tem sido completamente ignorados pelas gramáticas tradicionais, embora eles representem, de fato, o padrão brasileiro.*<sup>5</sup>

O que é preciso admitir é que também a língua padrão muda com o decorrer do tempo e várias dessas mudanças nada mais são do que o registro de estruturas largamente utilizadas pela linguagem oral. Aqueles que produzem textos escritos com algumas destas estruturas estão adotando uma concepção de gramática que ultrapassa aquela forma estática de língua e vendo-a como algo dinâmico e em renovação. Podemos constatar hoje que mesmo os jornalistas mais cuidadosos em seguir o modelo da gramática tradicional acabam por aceitar algumas mudanças incorporadas ao texto escrito através do poder da linguagem oral. É o que nos mostra Faraco & Tezza<sup>6</sup> ao analisarem as mudanças da língua escrita no tempo. Para os autores, várias estruturas da linguagem oral, tidas como incorretas pela gramática tradicional, vem sendo incorporadas pelos textos escritos por bons jornalistas. Os autores dão como exemplo a mudança da regência de alguns verbos a partir do seu uso na linguagem oral:

*Há uma tendência muito forte na linguagem oral do português brasileiro de tornar transitivos diretos alguns verbos que tradicionalmente era transitivos indiretos (Assisti um filme, por exemplo, em vez de Assisti a um filme). Nesses casos, a tendência já está passando à escrita, e talvez seja muito mais freqüente o emprego 'errado' que o emprego 'certo', mesmo em textos de boa qualidade, escritos por bons escritores ou jornalistas. Uma evidência dessa mudança na língua padrão é o fato de que esses verbos tornados transitivos diretos passaram a ocorrer com freqüência na escrita padrão na forma passiva, impossível sintaticamente com verbos transitivos indiretos (O jogo Brasil x Argentina foi assistido por milhões de telespectadores dos dois países; ou A constituição nem sempre tem sido obedecida pelas autoridades federais).<sup>7</sup>*

Se os redatores mais tradicionais ainda relutam em admitir estas mudanças da norma padrão, contra-argumentando que continuam utilizando o verbo assistir com a preposição, o que eles diriam da utilização de verbos transitivos indiretos na forma passiva – empregada por eles –, totalmente condenada pela gramática tradicional? É preciso deslocar um pouco o foco da discussão sobre o mal desempenho lingüístico dos jornalistas. Seria mesmo o maior problema dos textos jornalísticos os desvios da gramática tradicional de algumas estruturas oracionais operadas por eles? Acreditamos que não. Escrever uma oração com um pronome antes ou após o verbo não irá alterar em nada o sentido do texto.

O único erro que os redatores que adotam algumas estruturas da linguagem oral podem estar cometendo é o de considerar a língua como algo dinâmico, em constante renovação. Por outro lado, não estamos aqui querendo fazer do texto escrito um lugar de vale tudo, onde não existiria nenhuma formalização. Sabemos que há diferenças substanciais entre os textos oral e escrito. Mas é perfeitamente possível que algumas estruturas da linguagem oral sejam incorporadas pelo texto escrito. Talvez assim a escrita deixe de ser encarada como algo feito por iniciados, difícil e principalmente pouco prazerosa.

Parece-nos que o problema principal da escrita dos jornalistas não é o uso “incorreto” de determinadas regências ou colocações pronominais, mas sim a má estruturação e articulação do parágrafo. Textos com problemas de coesão e coerência, argumentação inconsistente e pouco criativos são encontrados em grande escala. Tais problemas não são solucionados com as regras gramaticais das frases estipuladas pelo português padrão. Muitos deles ocorrem por-

que os estudantes de jornalismo, futuros profissionais, possuem um grande débito para com a leitura. Só poderemos escrever bons textos quando diminuirmos este prejuízo. Esta é a primeira e talvez a mais importante condição para escrever bem; é o que nos mostra o filólogo Antonio Houaiss:

*A primeira condição para escrever é ter lido muito. E continuar a ler para descobrir as virtudes que se pode tirar dos outros e incorporar a si próprio. A verdade é que a grande maioria dos repórteres com quem se vai dialogar são de uma pobreza vocabular espantosa. Nos cursos de Comunicação, eles ouviram muito mais do que leram. Um curso sério é muito mais um direcionamento de leitura do que um débito para com a palavra oral.<sup>8</sup>*

Vimos que as regras reguladoras da linguagem na mídia podem ser variáveis, principalmente no que diz respeito à frase. Nem sempre um desvio da norma culta deve ser interpretado como um erro. Ele pode indicar que tal redator ou falante crê na língua como um sistema de signos dinâmico que passa por transformações ao longo do tempo. Muitas vezes os desvios do português padrão podem dar um novo vigor à expressão, acentuando-lhe seus traços sonoros e rítmicos. É o que acontece na publicidade. Muitos anúncios publicitários irão desrespeitar a gramática para promover o impacto de uma seqüência de palavras. Mesmos os gramáticos mais tradicionais não de concordar que a frase “Se você não se cuidar, a Aids vai te pegar” possui uma sonoridade bem mais ritmada do que a sua correspondente na variante padrão da língua: “Se você não se cuidar, a Aids vai pegá-lo.” Em algumas situações, será necessário sim “errar a língua”, como defende o poeta Manoel de Barros, para que possamos fazer textos mais criativos e sedutores. Esta também é a visão de Izidoro Blikstein, professor titular de lingüística e semiologia do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. Blikstein afirma que a existência da idéia de um português padrão com o qual o jornalista deveria trabalhar é um erro. Para ele, este padrão é redutor. “Na verdade, o jornalista deveria desenvolver muito mais a chamada função poética da linguagem, que é a função criativa.”<sup>9</sup>

Endossamos aqui a posição de Blikstein; devemos nos preocupar menos com os desvios da norma culta produzidos pelos jornalistas e exigir que eles façam textos menos confusos, com maior consistência e, por que não, mais criativos.

## NOTAS

- <sup>1</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- <sup>2</sup> PRETTI, Dino. “A linguagem da TV: o impasse entre o falado e o escrito”. In: *Rede Imaginária; televisão e democracia*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- <sup>3</sup> Idem.
- <sup>4</sup> POSSENTI, Sírio. “Gramática e Política”. In: *Novos Estudos*, no. 3 Dez. 1983.
- <sup>5</sup> FARACO, Carlos Alberto & TEZZA, Cristóvão. *Prática de texto para estudantes universitários*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- <sup>6</sup> Idem
- <sup>7</sup> Idem
- <sup>8</sup> HOAISS, Antonio. *Imprensa*, junho de 1990, p.22
- <sup>9</sup> EGYPTO, Luiz. *Imprensa*, junho 1990.